

MULHERES NEGRAS E PSICANÁLISE: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA

*Debora Lydinês Martins Corsino** 

*Sílvia Nogueira Cordeiro*** 

RESUMO

Desde seu surgimento, a psicanálise se dedica à compreensão das questões das mulheres, visto que a teoria se inaugura a partir da escuta das históricas. Freud pouco avança no debate em torno do feminino e é Lacan quem repensa a compreensão das mulheres no campo teórico. Porém, é sabido que ambos estavam inseridos em sociedades burguesas e brancas e, portanto, realizam suas proposições a partir dessa perspectiva. Visto que estamos inseridas num país racializado e que a experiência de mulheres não brancas possui outros atravessamentos, questionamos se a psicanálise tem se proposto a trabalhar essas outras perspectivas. Assim, o presente estudo se propôs a realizar uma revisão sistemática de literatura para investigar como as mulheres negras têm sido abordadas no campo psicanalítico desde a virada do século. A busca nas plataformas contemplou artigos acadêmicos publicados entre 2000 e 2021, com descritores selecionados e combinados, nas línguas portuguesa, espanhola e inglesa. A partir dos critérios de inclusão e exclusão foram recuperados 10 artigos, que compuseram o banco final para análise. Os dados encontrados foram analisados tanto por uma perspectiva quantitativa - número de trabalhos e anos de publicação - como qualitativa - aspectos teóricos apresentados. Para análise dos conteúdos teóricos, os trabalhos foram apresentados a partir das seguintes categorias: “Narrativas de mulheres”, “Recursos literários”, “Estudos clínicos” e “Estudos teóricos”. Foi percebida uma escassez de trabalhos publicados referente à temática e,

* Mestra em Psicologia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Instituto de Ensino e Pesquisa da Irmandade Santa Casa de São Carlos - SP. E-mail: deboralydines.mc@gmail.com

** Pós-doutorado em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ, 2023). Professora associada do Departamento de Psicologia e Psicanálise e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: silvianc@uel.br

dos trabalhos encontrados, uma grande parte fala da mulher negra dentro de perspectivas cristalizadas - babá, doméstica, sensualidade. Reiteramos a necessidade de o campo psicanalítico situar o contexto sócio-histórico de mulheres negras ao abordá-las, mas também é fundamental a abertura para a produção de outras narrativas sobre esses corpos.

Palavras-chave: Campo psicanalítico; Descolonização do saber; Mulher negra; Revisão sistemática.

BLACK WOMEN AND PSYCHOANALYSIS: A SYSTEMATIC LITERATURE REVIEW

ABSTRACT

Since its emergence, psychoanalysis has been dedicated to the understanding of women's issues, since the theory is inaugurated from the listening of hysterical women. Freud makes little progress in the debate surrounding the feminine, and it is Lacan who rethinks the understanding of women in the theoretical field. However, it is known that both were inserted in bourgeois and white societies and therefore conduct their propositions from this perspective. Since we are inserted in a racialized country, and that the experience of non-white women has other crossings, we question whether psychoanalysis has proposed to work with these other perspectives. Thus, the present study set out to conduct a systematic literature review to investigate how Black women have been approached in the psychoanalytic field since the turn of the century. The search on the platforms included academic articles published between 2000 and 2021, with selected and combined descriptors, in Portuguese, Spanish and English. Based on the inclusion and exclusion criteria, 10 articles were retrieved that made up the final database for analysis. The data found were analyzed both from a quantitative perspective - number of works and years of publication; as qualitative - theoretical aspects presented. For the analysis of theoretical content, the works were presented from the following categories: "Women's narratives"; "Literary Resources"; "Clinical studies"; "Theoretical Studies". A shortage of published works on the subject was noticed, and of the works found, a large part speaks of the Black woman within crystallized perspectives - nanny, domestic, sensuality. We reiterate the need for the psychoanalytic field to situate the socio-historical context of Black women when approaching them, however, opening to the production of other narratives about these bodies is also essential.

Keywords: Psychoanalytic field; Decolonization of knowledge; Black woman; Systematic review.

MUJERES NEGRAS Y PSICOANÁLISIS: UNA REVISIÓN SISTEMÁTICA DE LA LITERATURA

RESUMEN

Desde su surgimiento, el psicoanálisis se ha dedicado a la comprensión de los problemas de la mujer, ya que la teoría se inaugura a partir de la escucha de mujeres histéricas. Freud avanza poco en el debate en torno a lo femenino, y es Lacan quien replantea la comprensión de la mujer en el campo teórico. Sin embargo, se sabe que ambos se insertaron en sociedades burguesas y blancas, por lo que realizan sus planteamientos desde esta perspectiva. Dado que estamos insertos en un país racializado, y que la experiencia de las mujeres no blancas tiene otros cruces, cuestionamos si el psicoanálisis se ha propuesto trabajar con estas otras perspectivas. Por lo tanto, el presente estudio se propuso realizar una revisión sistemática de la literatura para investigar cómo las mujeres negras han sido abordadas en el campo psicoanalítico desde el cambio de siglo. La búsqueda en las plataformas incluyó artículos académicos publicados entre 2000 y 2021, con descriptores seleccionados y combinados, en portugués, español e inglés. Con base en los criterios de inclusión y exclusión, se recuperaron 10 artículos que conformaron la base de datos final para el análisis. Los datos encontrados fueron analizados tanto en una perspectiva cuantitativa - número de obras y años de publicación; como aspectos cualitativos - teóricos presentados. Para el análisis de contenido teórico, los trabajos fueron presentados a partir de las siguientes categorías: “Narrativas de mujeres”; “Recursos Literarios”; “Estudios clínicos”; “Estudios Teóricos”. Se notó escasez de trabajos publicados sobre el tema, y de los trabajos encontrados, gran parte habla de la mujer negra dentro de perspectivas cristalizadas - niñera, doméstica, sensualidad. Reiteramos la necesidad de que el campo psicoanalítico sitúe el contexto sociohistórico de las mujeres negras al abordarlas, sin embargo, también es fundamental abrirse a la producción de otras narrativas sobre estos cuerpos.

Palabras clave: Campo psicoanalítico; Descolonización del conocimiento; Mujer negra; Revisión sistemática.

1 INTRODUÇÃO

É possível observarmos que as mulheres estão no centro do debate psicanalítico desde sua criação e que, em suas produções, Freud (1905/2016; 1916/2018; 1923/2018; 1925/2018; 1931/2018; 1933/2018) realiza questionamentos em torno daquilo que compreendemos enquanto feminino e feminilidade, abrindo o campo de compreensão em torno

do psiquismo das mulheres. Entretanto Freud (1926/2017) vai nomear as experiências sexuais das mulheres como o “continente negro” da psicanálise, colocando essa questão como enigma, e na conferência “A feminilidade” (1933/2018) aponta que suas contribuições são incompletas e fragmentárias, concluindo “se quiserem saber mais sobre a feminilidade, então perguntem às suas próprias experiências de vida, ou voltem-se aos poetas, ou esperem até que a ciência possa lhes dar informações mais profundas e bem articuladas” (Freud, 1933/2018, p. 341).

Na atualidade, os avanços de Lacan (1957-58/1999; 1972-73/2008) são considerados relevantes para a compreensão desse campo (Cossi & Dunker, 2017; Demes, Chatelard, & Celes, 2011; Pacheco, 2017; Andrade, 2022), visto que, em sua proposição, defende que não há um significante comum que defina todas as mulheres, mas cada mulher, uma a uma, se constitui a partir dos referenciais difundidos no laço social.

No que tange essa questão, teóricas negras que estão inseridas ou não do campo psicanalítico, questionam a posição da mulher negra nesse enquadre, visto que o referencial de feminilidade difundido no laço social parte da experiência da mulher branca. Apesar de contarmos com obras que na atualidade são referências para a psicanálise (Souza, 1983/2021; Gonzalez, 1984/2020; Nogueira, 1998/2021; Kilomba, 2019), observa-se uma escassez de produções em psicanálise que se dedicam a pensar as questões das mulheres negras. E para além das pesquisas realizadas é pertinente questionar o acesso às reflexões de tais estudos, por meio de publicações de artigos em revistas científicas, por ser tratar um dos principais veículos de disseminação das produções acadêmicas. Nesse sentido, este estudo se propôs a realizar uma revisão sistemática de literatura, balizada pela pergunta “Como questões referentes às mulheres negras têm sido abordadas na literatura psicanalítica entre 2000 e 2021?”. O objetivo do estudo foi avaliar como as publicações acadêmicas têm tratado a questão, tecer reflexões acerca dos materiais encontrados e avaliar as contribuições deles para o avanço do debate.

2 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Este estudo se propôs a realizar um levantamento bibliográfico a partir dos fundamentos da revisão sistemática de literatura, que possui como

direcionamento elencar estudos publicados em um dado período sobre uma temática e realizar análises acerca do material encontrado (Galvão & Ricarte, 2019). A questão norteadora do estudo foi “Como questões referentes às mulheres negras têm sido abordadas na literatura psicanalítica entre 2000 e 2021?”. Dessa forma, entre agosto de 2021 e janeiro de 2022, realizou-se uma busca por artigos publicados em meio digital entre 2000 e 2021, nas plataformas: *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO), Literatura Latino-Americana em Ciências da Saúde (Lilacs), Scopus, PsycINFO, Portal de Periódicos Capes e Google Acadêmico. Apesar de no campo científico, o Google Acadêmico não ser classificado como uma base de dados, Galvão & Ricarte (2019) sugerem a utilização dessa ferramenta para ampliar a busca no caso de revisões que apresentam temas recentes e de populações vulneráveis, como é o caso do presente estudo.

A busca contemplou as línguas portuguesa, espanhola e inglesa, com os seguintes descritores: mulher negra & psicanálise, psicanálise & relações raciais & mulher, feminino & mulher negra & psicanálise, feminilidade & mulher negra & psicanálise, relações raciais & feminino & psicanálise e relações raciais & feminilidade & psicanálise, em português. Em espanhol: mujer negra & psicoanálisis, psicoanálisis & relaciones raciales & mujer, femenino & mujer negra & psicoanálisis, feminidad & mujer negra & psicoanálisis, relaciones raciales & feminino & psicoanálisis, relaciones raciales & feminidad & psicoanálisis. Em inglês: black woman & psychoanalysis, psychoanalysis & race relations & woman, female & black woman & psychoanalysis, femininity & black woman & psychoanalysis, race relations & female & psychoanalysis e race relations & femininity & psychoanalysis.

A primeira seleção foi realizada a partir dos títulos e palavras-chave que forneciam informações relevantes para o trabalho. A segunda seleção foi realizada a partir das leituras dos resumos, o que resultou no número total da amostra, com trabalhos que contemplavam os critérios estabelecidos. Para este estudo os critérios de inclusão foram: estar disponível na íntegra online e gratuitamente, abordar questões sobre a mulher negra e utilizar o referencial de Freud e/ou Lacan. Já os critérios de exclusão foram: trabalhos de outro campo teórico, trabalhos de outras perspectivas teóricas da psicanálise ou outras teorias da Psicologia,

estudos psicométricos, indisponível gratuitamente e teses, dissertações e capítulos de livros. É relevante destacar que a escolha pelo referencial psicanalítico de Freud enquanto critérios de inclusão dá-se por o autor ser quem inaugura a teoria psicanalítica. Enquanto a escolha de Lacan ocorre devido à premissa de que é a partir da inserção da escola lacaniana no Brasil, na década de 70, que a psicanálise passa por uma expansão e inserção do debate social e político em seu campo (Lima, 2020).

Como limitações do estudo e potenciais vieses, consideramos que os descritores selecionados podem ter limitado a busca nas plataformas. Além disso, os artigos publicados em espanhol e inglês encontram-se, em grande parte, em plataformas pagas ou vinculadas a instituições de ensino que não possuem interlocução com nossa universidade e, portanto, diversos trabalhos foram excluídos por não constar como disponíveis gratuitamente na íntegra. Por fim, identificamos na recuperação dos trabalhos, um grande volume de capítulos de livros, trabalhos de conclusão de curso, monografias, dissertações e teses, principalmente alocadas nos últimos cinco anos, entretanto, como não faziam parte do enfoque desta busca, não foram incluídos nos resultados.

Após a seleção dos artigos, foi realizada uma análise do conteúdo, inicialmente destacando os dados quantitativos, como número de trabalhos recuperados e anos de publicação, e posteriormente, a partir da perspectiva da meta-síntese, que busca sintetizar os elementos de estudos qualitativos, com o intuito de localizar temas e considerações acerca do fenômeno estudado (Galvão & Ricarte, 2019). Para essa sessão posterior, os trabalhos foram subdivididos em categorias de análise que se destacaram a partir das leituras deles.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da busca nas bases de dados, foram recuperados 347 trabalhos, dos quais, por repetição, nove foram excluídos. Tendo em vista os critérios de inclusão e exclusão, com as leituras dos títulos e palavras-chave, 264 trabalhos foram excluídos e 74 foram selecionados para uma nova análise. Posteriormente, foi realizada a leitura dos resumos destes 74 trabalhos, dos quais 64 foram excluídos, totalizando 10 trabalhos que

contemplavam os critérios de inclusão. A tabela a seguir demonstra esse procedimento, com a descrição por base de dados.

Tabela 1: Descrição dos procedimentos da busca de artigos nos bancos de dados

Plataformas acadêmicas	Total de trabalhos recuperados	Removidos por repetição	Removidos de acordo com critérios de inclusão e exclusão	Selecionados a partir dos títulos e palavras-chave	Selecionados a partir da leitura dos resumos para compor o estudo
Lilacs	4	-	-	4	1
Scopus	36	1	15	20	3
Scielo	16	3	6	7	1
PsycINFO	38	2	31	5	0
Portal de Periódicos Capes	206	-	189	17	0
Google acadêmico	47	3	23	21	5
Total	347	9	264	74	10

Fonte: Sistematização da autoria.

Dos 10 trabalhos selecionados para análise e discussão, sete estão na língua portuguesa, um na língua inglesa e dois na língua espanhola; cinco são estudos teóricos, três são estudos de caso e dois são estudos de narrativas. Seguem as informações dos trabalhos que serão discutidos nesta sessão.

Ao problematizarmos os resultados encontrados nas tabelas acima, um primeiro dado que se demonstra relevante refere-se ao volume de trabalhos encontrados, visto que, apesar da busca contemplar uma janela de 21 anos, poucos estudos foram localizados, desde o total de trabalhos recuperados até o número final de selecionados. Sobre este ponto, é possível trazer para a discussão que as conquistas do movimento negro acerca do acesso à universidade e das políticas afirmativas começam a ganhar força em 2003, a partir da implementação da Lei 10.639/2003, que regulamenta o ensino das Histórias e Culturas Afro-brasileira e Africana em todos os níveis da educação (Brasil, 2003). Posteriormente, a Lei 11.645/2008 ampliou

a obrigatoriedade da temática para o ensino de Histórias e Culturas Indígenas também em todo percurso formativo (Brasil, 2008). Além disso, a partir da Lei 12.711/2012 inicia-se a implementação das cotas raciais nas universidades brasileiras (Brasil, 2012), e desta forma um crescimento de inserções da pauta racial em pesquisas e produções acadêmicas, o que consideramos ser um movimento recente. E, portanto, a baixa disseminação via artigos acadêmicos manifesta como a produção acerca da temática ainda é escassa e carece de um estudo amplo, que verifique as questões em torno de publicar artigos científicos que toquem no debate das relações raciais.

Tabela 2: Nome, ano de publicação e tipo de estudos dos artigos selecionados

Nº	TÍTULO	AUTORAS/ES	ANO	TIPO DE ESTUDO
A1	A dinâmica prazer/afeto na constituição de feminilidades em mulheres negras e mestiças brancas de diferentes setores sociais do sudoeste da Colômbia ¹	Giraldo & Quevedo	2012	Narrativa
A2	A paisagem interna do meu corpo misterioso: a filha de Burger no espelho da psicanálise lacaniana ²	Sistani	2015	Teórico
A3	Considerações psicanalíticas sobre preconceito racial: um estudo de caso	Barreto & Ceccarelli	2018	Estudo de caso
A4	Escutando os subterrâneos da cultura: Racismo e suspeição em uma comunidade escolar	Braga & Rosa	2018	Estudo de caso
A5	Lugares de fala: rotas da escravidão da mulher negra brasileira	Carneiro & Mori	2018	Teórico
A6	Tornar-se mulher negra: uma face pública e coletiva do luto	Rosa, Binkowski, & Souza	2019	Estudo de caso
A7	Édipo Negro: Estrutura e argumento	Lima	2019	Teórico
A8	O lugar e a fala: a psicanálise contra o racismo em Lélia Gonzalez	Ambra	2019	Teórico
A9	A poética da negritude feminina em “Ana Davenga” ³ : Revelação de uma necroescrita ³	Procknov	2019	Teórico
A10	Violência doméstica e racismo contra mulheres negras	Carrijo & Martins	2020	Narrativa

Fonte: Sistematização da autoria.

Um segundo dado apresentado na tabela 2 refere-se aos anos de publicação dos artigos selecionados, visto que eles foram publicados na última década, com o maior volume entre os anos de 2017 e 2020. É relevante pontuar que, na literatura psicanalítica, contamos com obras consagradas que debatem o tema aqui levantado, como “Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social” (Souza, 1983), “Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira (Gonzalez, 1984), “A categoria político-cultural de amefricanidade” (Gonzalez, 1988) e “Significações do corpo negro” (Nogueira, 1988), apresentados antes da virada do século. Todavia, é apenas entre 2020 e 2021 que o livro de Neusa Santos Souza recebe uma nova edição, que os textos de Lélia Gonzalez foram reunidos em uma coletânea nomeada “Por um feminismo afro-latino-americano”, organizado por Flávia Rios e Márcia Lima (2020), e que a tese de Isildinha Baptista Nogueira é publicada em livro com o título “A cor do inconsciente: significações do corpo negro” (2021). A republicação dessas obras atesta como, nos últimos anos, a pauta racial entrou em questão nas produções acadêmicas, o que se confirma quando visualizamos as datas de publicação dos artigos encontrados neste estudo.

A respeito dos conteúdos teóricos dos artigos, descreveremos a seguir um breve resumo de quais foram as discussões propostas por cada trabalho, bem como as reflexões que contribuíram para a questão apresentada nesta revisão. Aqui optamos por apresentar os resultados a partir de categorias de análise, visto que esse recurso possibilita o agrupamento de dados relevantes que podem ser confrontados e discutidos a partir de elementos comuns. A primeira categoria abrange estudos que utilizaram as narrativas das mulheres participantes para ilustrar e fundamentar o debate teórico proposto, sendo, por isso, denominada “Narrativas de mulheres”. A segunda categoria refere-se a estudos que se utilizaram da literatura como material de análise, que então foi nomeada como “Recursos literários”. A terceira categoria foi nomeada como “Estudos clínicos”, pois realizaram a discussão teórica a partir de elementos que advêm da experiência clínica. E a quarta e última categoria foi intitulada como “Estudos teóricos”, visto que propõem o debate a partir da revisão de conceitos propostos por autoras consagradas.

3.1 NARRATIVAS DE MULHERES

Utilizando-se das histórias das participantes para a construção do trabalho, Giraldo e Quevedo (2012) e Carrijo e Martins (2020) debatem a temática a partir de estudos de narrativas, e Barreto e Ceccarelli (2018) a partir de um estudo de caso.

O trabalho “A dinâmica prazer/afeto na constituição de feminilidades em mulheres negras e mestiças brancas de diferentes setores sociais do sudoeste da Colômbia”, (Giraldo & Quevedo, 2012), teve por objetivo discutir a produção de feminilidades na Colômbia a partir das tensões entre prazer e afeto, pensando o papel da racialização na vivência das sexualidades. Os autores propõem uma reflexão acerca das vivências de feminilidades que emergem a partir do tensionamento entre prazer e afeto na experiência da sexualidade. O estudo conta com as narrativas de 18 mulheres colombianas, de diversos contextos raciais. Discute-se, a partir dessas narrativas, quatro categorias de feminilidades: feminilidades subordinadas ao afeto, feminilidades onde prazer se enlaça ao afetivo, feminilidades que separam prazer do afeto e feminilidades que são exploradas para intensificação do prazer. Na última categoria, reitera-se que essa experiência é compartilhada por mulheres negras lésbicas. Reiteram que “uma sexualidade livre e que se quer emancipatória gera outros tipos de sofrimento e mal-estar, pela impossibilidade de combinar prazer e afeto”⁴ (Giraldo & Quevedo, 2012, p. 182). Portanto, dá-se um enfoque para os discursos das mulheres negras, visto que foi constatado um “exagero de uma suposta exuberância sexual que torna esses corpos sexuados desejáveis” (Giraldo & Quevedo, 2012, p. 178), que é lido como uma depreciação, pois animaliza e exotiza esse corpo, limitando o recobrimento simbólico da experiência de prazer e afeto.

Já o trabalho de Barreto e Ceccarelli (2018) em “Considerações psicanalíticas sobre preconceito racial: um estudo de caso” objetivou discutir como o preconceito racial atravessa processos identificatórios e impactou a experiência subjetiva de duas estudantes da universidade. Não trata especificamente das condições da mulher, porém apresenta uma entrevista realizada com uma estudante negra, em que se discorre sobre os processos identificatórios com uma mãe branca e um pai preto,

que se ausentaram enquanto figuras de referência. Concluem que a construção discursiva sobre um povo impacta diretamente os processos identificatórios. Portanto, o silenciamento sobre a questão racial no Brasil reflete o imaginário social, o que faz com que este se oriente por um ideal de ego branco ao se confrontar com a realidade.

Propõe-se que a escuta psicanalítica possibilita a construção do sujeito de uma narrativa sobre si, para além desse ideal.

Em “Violência doméstica e racismo contra mulheres negras”, Carrijo e Martins (2020) buscaram investigar, a partir de entrevistas com três mulheres negras vítimas de violência, se havia representações do ideal de ego da branca em suas questões e em que contextos apareciam o racismo e a violência doméstica em suas experiências. O estudo compreendeu que, na história dessas mulheres, havia repetições de violências geracionais intrafamiliares e, para além disso, destacou a não nomeação das violências raciais sofridas ao longo da vida e do apagamento dos traços e elementos que remeteriam à negritude. Concluíram com uma discussão acerca da urgência em destacar as relações raciais na construção de políticas públicas no combate à violência.

Nesta categoria podemos observar o destaque de três grandes temas a respeito da mulher negra: a exotização do corpo, que desencadeia uma experiência de puro prazer, retirando a possibilidade de afeto, os processos identificatórios, prejudicados pelo silenciamento da questão racial no Brasil e repetições de violências e não nomeação das violências raciais e apagamento da negritude. Aqui os marcadores raciais se evidenciam enquanto categoria de análise, visto que os elementos apresentados são compartilhados por homens e mulheres negras (Reis Filho, 2005). Nesse sentido, questionamos quais são as experiências singulares de mulheres negra, no que se refere à experiência subjetiva e no laço social.

3.2 RECURSOS LITERÁRIOS

Sistani (2015) e Procknov (2019) ilustram o debate a partir de recursos literários, com um romance e uma crônica respectivamente, e, para além do debate teórico, propõem uma leitura do social a partir dos enredos destacados nas histórias.

Em “A paisagem interna do meu corpo misterioso: a filha de Burger no espelho da psicanálise lacaniana”, Sistani (2015) teve por objetivo realizar uma leitura do romance “A filha de Burguer”⁵, que trata das tensões da relação pai-filha, a partir de uma perspectiva lacaniana. O trabalho discutiu a relação da personagem Rosa Burger com o nome-do-pai, encarnado em seu próprio pai Lionel Burger, e como esse jogo se relaciona com construção de uma autodefinição. O pai de Rosa é um ativista político sul-africano e, inicialmente, isso é herdado pela personagem. Num segundo momento, a personagem constroi uma relação com a lei a partir do repúdio dela, negando o pai, saindo de seu país e se apropriando de seu nome Rosa. Num terceiro momento, a personagem retorna para a sua cidade e para a posição de “filha de Burger”. Apesar de, na Europa, ter a possibilidade de adquirir a realização que nunca teve, é apenas na atmosfera política sul africana que, de fato, encontra espaço para sua subjetividade. A autora traça um paralelo entre a luta política por autodefinição da África do Sul, que se traduz no romance a partir da busca de Rosa por uma subjetividade. “Rosa pode ser tomada como a encarnação da psique de sua sociedade que se choca com os limites de uma hegemonia masculina branca, ressaltando sua incapacidade de encontrar qualquer espaço fora da ideologia que a define”⁶ (Sistani, 2015, p. 387).

Procknov (2019), em “A poética da negritude feminina em “Ana Davenga” Revelação de uma necroescrita”, discutiu a perspectiva de gênero e raça a partir do conto “Ana Davenga” de Conceição Evaristo, narrando cenas da vida de Ana e tecendo reflexões acerca da personagem e do enredo. É notável a crítica sócio-histórica empreendida no estudo, visto que o conto narra, enquanto personagens principais, uma mulher negra e um homem negro em situações de vulnerabilidade. Todavia, a análise da autora vai no sentido de compreender outros elementos presentes na narrativa, articulados com conceitos da psicanálise, como construção imaginária do que seria uma “identidade feminina”. Para além das categorias apresentadas, a personagem aparece como sujeito desejante, por estar inserida na linguagem, e numa perspectiva interseccional e Procknov (2019) repensa como adquirir o nome do marido, ser dona de casa e ser mãe assumem outras significações. Além disso, coloca a dança e a corporalidade da personagem como uma via

de se relacionar com o real. O estudo evidencia como Ana constrói uma experiência singular de sua feminilidade e de sua negritude, apresentando a categoria “negritude feminina”.

Esta categoria apresenta perspectivas interessantes acerca da mulher negra: no primeiro, uma personagem que retorna para a posição de “filha” para encontrar lugar para sua subjetividade, e, na segunda, uma personagem que assume o nome de seu marido enquanto reivindicação de um espaço de pertencimento. Enquanto Rosa está submetida à lei ao ponto de não encontrar outras possibilidades de existência, Ana experimenta o que seria visto também como submissão, porém a autora interpreta o contrário, pois na narrativa é justamente nesse ponto que se pronuncia o sujeito de desejo. Acerca disso, Davis (2016) evidencia que construções históricas sobre a mulher branca e a mulher negra se diferenciam devido ao período escravocrata, e, portanto, alguns elementos vividos por estas mulheres passam por significações diferenciadas. Temos como exemplo a vida doméstica, que, enquanto para a mulher branca significa um mecanismo de controle social, para a mulher negra, durante a escravidão, era um lugar importante, já que era o único que não possuía o controle do senhor de engenho, podendo ser entendido, então, como um espaço de subversão.

3.3 ESTUDOS CLÍNICOS

Braga e Rosa (2018) e Rosa, Binkowski e Souza (2019) propõem pensar a questão apresentada a partir de um estudo de caso e de uma intervenção em grupo, respectivamente, e discutem à luz da teoria psicanalítica questões que permeiam a experiência de mulheres negras.

Braga e Rosa (2018), no trabalho “Escutando os subterrâneos da cultura: Racismo e suspeição em uma comunidade escolar”, que derivou de uma intervenção realizada em uma comunidade escolar com meninos jovens, questionaram os significantes e significações não ditos transmitidos na cultura a respeito de “ser mãe” e “ser mulher” e, no caso, a partir da questão racial, visto que esses jovens eram negros e suas mães eram negras. As autoras destacaram que essas mulheres eram vistas pela comunidade escolar como “exclusivamente mães” e identificam uma recriminação das atitudes que elas escolhem tomar. Fazem um

contraponto entre a “mãe-santa-boá”, difundida pela colonização e igreja, *versus* “mães de luta”, negras e periféricas, que, desde a década de 90, reivindicam justiça por seus filhos assassinados. Apresentam uma contraposição entre a perspectiva da comunidade escolar sobre essas “mães”, que seriam negligentes por não exercer o cuidado como “mãe-santa-boá” e a perspectiva das próprias mulheres, que se enxergam como batalhadoras e fortes, por criarem seus filhos sozinhas. As autoras reiteram que a história colonial retira da mulher negra a condição de desejante ao supor que quantidade de filhos, filhos de diferentes pais, filhos com tom de pele mais claro advindos de violência sexual, dizem respeito a sua condição social. Por fim, realizam um apontamento acerca da subjetivação da falta e do lugar de resto no discurso social, lugar este que as mulheres participantes do estudo se sentiam colocadas, justamente por a instituição escolar não reconhecer os modos de articulação subjetiva e de linguagem apresentados em suas experiências. Braga e Rosa (2018) relacionam esse lugar de resto com o desamparo discursivo, que se trata de uma ausência das possibilidades de significantes para que o sujeito articule sua verdade no discurso do laço social. Portanto compreendem que é fundamental diferenciar a subjetivação da falta que promove o desejo, desse lugar de resto no discurso social, que violenta e silencia essas mulheres.

Rosa, Binkowski e Souza (2019), em “Tornar-se mulher negra: uma face pública e coletiva do luto”, a partir de um estudo de caso, discutiram as questões de Maria, uma mulher negra que procura por atendimento por apresentar dores no corpo, motivo pelo qual precisou se aposentar. Em seu discurso apresenta orgulho por ter superado as dificuldades, violências e miséria da vida e por ter conquistado um lugar social a partir do cargo de educadora. Porém, o traumático não elaborado retorna através dessas dores no corpo. Os lugares conquistados não foram suficientes para reestruturar o abalo narcísico, que retorna pela via da melancolização. Maria apresenta, ainda, insatisfação com os posicionamentos da filha, que tem frequentado religiões de matriz africana e estudado a história dos negros. A aposta dos autores é que Maria vive um processo de luto de sua história, que é reeditada, ao ver sua filha compartilhar em um espaço público a narrativa familiar a partir de um outro lugar. Inicialmente se assusta, porém, ao ver outros

familiares emocionados com sua filha, também se emociona, se orgulha de ela estar em uma instituição de prestígio e reconhece o valor - seu e da filha. Ressaltam que “O reconhecimento público de um lugar social de opressão e o processamento ritual e coletivo do luto por ocupar tal lugar é, por vezes, a pré-condição da elaboração do luto individual” (Rosa, Binkowski & Souza, 2019, p. 96).

Esta categoria conta com elementos teóricos significativos, visto que, para além das experiências de sofrimento da mulher negra, é vislumbrado como o sujeito de desejo pode emergir após a elaboração do luto coletivo e individual das experiências vividas enquanto corpo negro e como as mulheres do segundo estudo reivindicam a posição de reconhecimento de seu desejo quando recusam a categoria “exclusivamente mãe”. Farias (2018) aponta que, no laço social, se sustenta o imaginário de que o negro existe apenas a partir da generalização e, no caso das mulheres negras, em posições específicas - babá, doméstica, sensual, sofredora. Nesse sentido, os trabalhos apresentados demonstram mulheres negras que subverteram essas posições e construíram espaços de existência para além da lógica colonial.

3.4 ESTUDOS TEÓRICOS

Carneiro e Mori (2018), Lima (2019) e Ambra (2019) retomam um debate teórico apresentado por autores consagrados no campo dos estudos de psicanálise e relações raciais e trazem à tona a contemporaneidade da discussão.

Carneiro e Mori (2018), em “Lugares de fala: rotas da escravidão da mulher negra brasileira”, debatem o “não-lugar” da mulher negra na sociedade brasileira, que, tendo em vista os atravessamentos raciais e de gênero, ficam relegadas à condição de outro do outro. Discutem a partir da constituição psíquica, dos processos identificatórios, do não dito racismo, e do conceito de ideal de ego da brancura, a condição da mulher negra na sociedade. Assim, a psicanálise é apontada como um lugar de escuta para estas questões não faladas no discurso hegemônico, para advir um sujeito singular e de desejo.

Em “Édipo Negro: Estrutura e argumento”, Lima (2019) se propõe a discutir o conceito de Édipo Negro, cunhado por Rita Segato, e discorre

sobre as questões que giram em torno do complexo de Édipo, quando a burguesia brasileira transfere os cuidados maternos para a babá (mãe preta). Discute ainda as implicações das relações de trabalho nesse contexto. O autor propõe que o campo psicanalítico precisa se haver com essa leitura e diversas outras, apesar de vir de outro campo teórico, visto que diz respeito a um cenário observado na realidade brasileira, que faz inscrição na história e política do país e, conseqüentemente, nas relações entre sujeitos.

Ambra (2019), em “O lugar e a fala: a psicanálise contra o racismo em Lélia Gonzalez”, se debruça sobre a discussão dos conceitos propostos por Lélia Gonzalez e propõe pensar a construção de lugar e fala a partir da compreensão da Psicanálise. As proposições da autora se apresentam a partir da mulher negra no Brasil, com as representações da ama de leite, da mulata, da doméstica e das babás. O autor propõe que Gonzalez se utiliza da psicanálise enquanto recurso epistemológico, justamente por ser uma teoria que pensa a verdade a partir daquilo que está excluído e oculto e, portanto, ao assumir a verdade denegada a partir da fala, torna possível que as questões raciais venham à tona.

Nesta categoria, a mulher negra aparece a partir do “não-lugar”, da figura da babá - mãe preta e de outras categorias, como mulata e doméstica. Aqui, novamente aparecem as repercussões que o silenciamento da história colonial causa no laço social. Um elemento comum entre os três trabalhos refere-se à implicação do campo psicanalítico com essa questão. Lima (2019) convoca que psicanalistas se responsabilizem por inserir a perspectiva do Édipo negro na leitura dos sujeitos, Carneiro e Mori (2018) colocam a psicanálise num lugar privilegiado de escuta para estas questões e Ambra (2019) aponta a possibilidade de a verdade sobre as relações raciais emergir no campo psicanalítico justamente por trabalhar com aquilo que foi oculto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomar a questão norteadora desta revisão sistemática: “Como questões referentes às mulheres negras têm sido abordadas na literatura psicanalítica entre 2000 e 2021?”, é possível articular duas reflexões: uma em torno da ausência de produções de trabalhos que articulam a

experiência das mulheres negras à literatura psicanalítica; e outra discussão acerca de quais temáticas foram abordadas nos artigos encontrados.

Destacamos então a escassez de artigos científicos acerca da mulher negra na literatura psicanalítica. Tendo isso em vista, é importante destacar que, mesmo com algumas mudanças em curso, principalmente a partir das políticas afirmativas de cotas raciais, como destacado acima, grande parte das pessoas que acessam as formações em psicanálise e processos de análise em nosso território ainda é branca e de uma classe social marcada. Assim, as pesquisas que temos disponíveis no campo psicanalítico que advêm das experiências clínicas, dizem respeito a essas pessoas, que ainda são tomadas enquanto universais (Braga, 2015). Ou seja, seguimos orientando nossa escuta em referenciais que foram estabelecidos a partir da experiência subjetiva de pessoas brancas. E quando nos pautamos na perspectiva da branquidão para pensar as questões das mulheres negras, é bem possível alocá-las no lugar de *infans*, aqueles que são falados pelos outros e não possuem um discurso próprio, como destaca Gonzalez (1988/2020). Dessa forma, este trabalho além de evidenciar concretamente a ausência de artigos científicos disponíveis em torno dessa temática, nos provoca a pensar como propor um giro no nosso campo, que possibilite às mulheres negras o direito de serem sujeitos do próprio discurso e falarem em nome próprio (Gonzalez, 1988/2020).

Retomando a segunda discussão proposta a partir dos achados do estudo, dos dez trabalhos apresentados, sete deles (Giraldo & Quevedo, 2012; Sistani, 2015; Barreto & Ceccarelli, 2018; Carneiro & Mori, 2018; Lima, 2019; Ambra, 2019; Carrijo & Martins, 2020), apresentam o debate em torno das violências e sofrimentos sócio-políticos e históricos das mulheres negras. Essa localização política do lugar da mulher negra no laço social é fundamental, entretanto, restringir o debate partir da perspectiva da mãe-preta, da babá, de um não lugar e das violências sofridas no laço social, empurra novamente a mulher negra para uma posição cristalizada e, portanto, reproduz aquilo que estamos tentando romper dentro e fora do campo psicanalítico. Destacamos os outros três artigos (Procknov, 2019; Braga & Rosa, 2018; Rosa, Binkowski & Souza, 2019) que além de situar o contexto sócio-histórico de mulheres negras, também as localiza em um lugar do desejo, em contraposição as

suposições hegemônicas, bem como lhes convocam para falar e produzir seus próprios discursos. A reflexão colocada por estes trabalhos aponta que para além de articular a psicanálise as questões das mulheres negras é fundamental a abertura para produção de outras narrativas sobre esses corpos, para que as dimensões das mulheres negras não sigam ocultadas, como discutiu Gonzalez (1984/2020).

Por fim, como o presente estudo se propôs a examinar apenas artigos, apresentamos como sugestão para estudos futuros trabalhos que contemplem as demais pesquisas de TCC, Monografias, Dissertações e Teses realizadas sobre a temática desde a virada do século.

REFERÊNCIAS

- Andrade, C. (2022). O negro não existe: E os quantificadores de uma política não-toda. *Decolonização e psicanálise*, 22. On-line. N.-1 Edições e Psilacs. <https://www.n-1edicoes.org/o-negro-nao-existe-e-os-quantificadores-de-uma-politica-na-o-toda?>.
- Ambra, P. (2019). O lugar e a fala: a psicanálise contra o racismo em Lélia Gonzalez. *Sig-Revista de Psicanálise*, 8, 85-101.
- Barreto, R., & Ceccarelli, P. R. (2018). Considerações psicanalíticas sobre preconceito racial: um estudo de caso. *Estudos de Psicanálise*, (50), 145-154.
- Braga, Ana Paula M. (2015). *Os muitos nomes de Silvana: Contribuições clínico-políticas da psicanálise sobre mulheres negras* (Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo).
- Braga, A. P. M., & Rosa, M. D. (2020). Escutando os subterrâneos da cultura: Racismo e suspeição em uma comunidade escolar. *Psicologia em Estudo*, 23.
- Brasil. (2003, 9 de janeiro). Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União, seção 1. Recuperado de https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm.
- Brasil. (2008, 10 de março). Lei n.º 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Indígena”, e dá outras providências. Diário Oficial da União, seção 1. Recuperado de https://www.planalto.gov.br/ivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm.
- Brasil. (2012, 29 de agosto). Lei n.º 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial da União, seção 1. Recuperado de https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm.

- Carneiro, C. A., & Mori, M. E (2018). Lugares de fala: rotas da escravidão da mulher negra brasileira. *Associação Livre*, 28-31.
- Carrijo, C., & Martins, P. A. (2020). A violência doméstica e racismo contra mulheres negras. *Revista Estudos Feministas*, 28.
- Cossi, Rafael K., & Dunker, Christian I. L. (2017). A diferença sexual de Butler a Lacan: gênero, espécie e família. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 33. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3344>.
- Davis, A. (2016). *Mulheres, raça e classe*. Boitempo Editorial.
- Demes, Jacqueline R., Chatelard, Daniela S., & Celes, Luiz A. M. (2011). O feminino como metáfora do sujeito na psicanálise. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, Fortaleza, 11(2), 645-667. Recuperado em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011000200008
- Farias, C. P. (2018). Exclusão social e invisibilidade: Desdobramentos traumáticos do racismo. In F. Belo. (Org), *Psicanálise e racismo: Interpretações a partir de Quarto de Despejo*. Belo Horizonte – MG, 103-117.
- Freud, Sigmund (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Obras completas, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria e outros textos* (1901-1905) (pp.13-172). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, Sigmund (2017). A questão da análise leiga. In S. Freud, *Obras Incompletas de Sigmund Freud: Fundamentos da clínica psicanalítica* (pp. 205-313). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1926).
- Freud, Sigmund (2018). A feminilidade. In S. Freud, *Obras Incompletas de Sigmund Freud: Amor, sexualidade e feminilidade* (pp. 313-345). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, Sigmund (2018). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In S. Freud, *Obras Incompletas de Sigmund Freud: Amor, sexualidade e feminilidade* (pp. 259-275). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, Sigmund (2018). Desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. In S. Freud, *Obras Incompletas de Sigmund Freud: Amor, sexualidade e feminilidade* (pp. 211-235). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1916).

- Freud, Sigmund (2018). Organização genital infantil. In S. Freud, *Obras Incompletas de Sigmund Freud: Amor, sexualidade e feminilidade* (pp. 237-245). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, Sigmund (2018). Sobre a sexualidade feminina. In S. Freud, *Obras Incompletas de Sigmund Freud: Amor, sexualidade e feminilidade* (pp. 285-311). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1931).
- Galvão, M. C. B., & Ricarte, I. L. M. (2019). Revisão sistemática da literatura: Conceituação, produção e publicação. *Logeion: Filosofia da informação*, 6(1), 57-73.
- Giraldo, F. U., & Quevedo, J. E. M. (2012). La dinámica placer/afecto en la constitución de feminidades en mujeres negras y mestizas-blancas de diferentes sectores sociales en el suroccidente colombiano. *Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)*, (11), 155-186.
- Gonzalez, Lélia (2020). Racismo e sexismo na cultura brasileira. In L. Gonzalez. *Por um feminismo Afro-latino-americano* (pp. 75-93). Zahar. (Trabalho original publicado em 1984).
- Gonzalez, Lélia (1984). Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs*, 2(1), 223-244.
- Gonzalez, Lélia (1988). A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, (92-93), 69-82.
- Gonzalez, Lélia (2020). Por um feminismo afro-latino-americano. In L. Gonzalez. *Por um feminismo Afro-latino-americano* (pp. 139-150). Zahar. (Trabalho original publicado em 1988).
- Gonzalez, Lélia (2020). *Por um feminismo afro-latino-americano*. In: Rios, Flávia & Lima, Márcia (Orgs). Zahar.
- Kilomba, Grada (2019). *Memórias de plantação: episódios de racismo cotidiano*. Cobogó.
- Lacan, Jacques (1999). *O seminário Livro 5: as formações do inconsciente*. Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-58).
- Lacan, Jacques (2008). *O seminário Livro 20: mais, ainda*. Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-73).
- Lima, R. A. (2019). Édipo negro: Estrutura e argumento. *Acta Psicossomática*, 2(2).
- Lima Rafael A. (2020). Uma breve história da psicanálise em 5 tempos. In: K. Y. P. Santos, & L. Lanari. *Saúde mental, relações raciais e covid 19*. Margens clínicas.

- Nogueira, Isildinha B. (2021). *A cor do inconsciente: significações do corpo negro*. Perspectiva.
- Nogueira, Isildinha B. (1998). Significações do corpo negro. (*Tese de Doutorado*, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo).
- Pacheco, Ana Laura P. (2017). *Feminilidade e experiência Psicanalítica* (2ª ed). São Paulo: Agente publicações.
- Procknov, R. C. (2019). La poética de la negritud femenina en “Ana Davenga” ¿Revelación de una necroescritura?. *Anuário de literatura: Publicação do Curso de Pós-Graduação em Letras, Literatura Brasileira e Teoria Literária*, 24(1), 81-100.
- Reis Filho, J. T. D. (2005). Negritude e sofrimento psíquico. Tese (Doutorado - Psicologia Clínica), PUC-SP.
- Rosa, M. D., Binkowski, G. I., & Souza, P. S. D. (2019). Tornar-se mulher negra: uma face pública e coletiva do luto. *Clínica & Cultura*, 8(1), 86-100.
- Sistani, S. R. (2015). The internal landscape of my mysterious body: Burger's daughter in the mirror of Lacanian psychoanalysis. *Mediterranean Journal of Social Sciences*, 6(4), 383-383.
- Souza, Neusa S. (1983). *Tornar-se Negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Edições Graal.
- Souza, Neusa S. (2021). *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1983).

Submetido em: 08/08/2022

Revisado em: 25/10/2024

Aceito em: 04/03/2026

NOTAS

¹ Título original: “La dinámica placer/afecto en la constitución de feminidades en mujeres negras y mestizas-blancas de diferentes sectores sociales en el suroccidente colombiano”.

² Título original: “The internal landscape of my mysterious body: Burger's daughter in the mirror of lacanian psychoanalysis”.

³ Título original: “La poética de la negritud femenina en “Ana Davenga” ¿Revelación de una necroescritura?”.

⁴ Tradução nossa.

⁵ Título original: Burger's daughter.

⁶ Tradução nossa.